

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 10 – 14 de Outubro de 2013

I

– Alguma coisa explodiu no castelo! – disse Brian quando aquele som catastrófico chegou até eles.

Ou duas pessoas muito fortes estão se socando com tudo.

Michael não podia perder tempo pensando em nada daquilo. Se eram bombas ou socos, não faria diferença agora. Ele precisava chegar ao castelo e achar Carol.

– Anda logo! – esbravejou Michael para Brian quando começou a correr em direção ao castelo da Fundação Levine.

As árvores possuíam folhagem apertada demais para que Michael pudesse ver qualquer parte do castelo àquela distância. Correr era difícil também. Sua aura não o estava protegendo da maneira adequada e os galhos próximos das árvores estavam conseguindo ferir seu corpo enquanto ele avançava. Não sabia se isso era resultante da surra que levou daquele velho ou da preocupação que lhe nublava a mente. Talvez fosse por ter usada tanta aura no último soco. Qualquer que fosse o motivo, uma coisa era certa: Michael Makoto não estava em boas condições.

O garoto ignorou isso enquanto corria o mais rápido que pôde. Sentia ardências em alguns locais de sua pele por conta dos galhos que o maltratavam. Finalmente começou a conseguir ver o castelo. Uma das paredes externas estava realmente destruída. Talvez fosse mesmo uma explosão.

Chegaram ao fim da floresta. Michael sentiu a mão de Brian o puxar para baixo e se abaixou. Seu irmão lhe apontou dois homens que se moviam absurdamente rápido. Um deles era excepcionalmente mais rápido que o outro. O mais rápido surgira duas vezes de lados opostos ao que estava antes. Isso aconteceu duas vezes, ou Michael não percebeu as outras. Levou um ou dois segundos para que Michael reconhecesse o homem mais lento, que evitava um golpe fatal do mais rápido com toda a habilidade que possuía. O homem não tão rápido só podia ser Neville Trusten.

– É o Trusten, Brian – disse Michael, em voz baixa, mas o irmão não parecia dar ouvidos.

Brian apontou para algo mais que estava a pouco mais de 20 metros diante dele. Michael não viu antes, mas aquilo só podia ser um corpo humano. O que sobrou dele. Se Michael conhecia aquela pessoa, não o reconheceria nunca mais. Era um homem, isso podia ver, mas todo o corpo estava dilacerado demais para saber de quem era.

Por que aquilo não perturbava Michael? Nunca vira um corpo antes naquelas condições, mas aquilo não o incomodava. Pensava onde seu pai poderia estar. Onde Carol estaria também? Será que se encontram bem? Essas eram as perguntas na mente de Michael.

Outro som, mais alto que o primeiro, ensurdeceu os dois garotos. Vinha do interior do castelo. Devia ser uma explosão. Fosse o que fosse, era alto demais. Michael levou as duas mãos para proteger os ouvidos sem nem perceber que o fez. Logo em seguida estava em pé e decidido a atravessar o campo aberto e adentrar o castelo a sua frente.

Antes que pudesse dar o primeiro passo, seu coração estremeceu.

Essa sensação! Marinville...

Não estava paralisado, mas era uma sensação idêntica àquela que sentira no Museu de História Natural. Seus olhos fixaram-se de imediato na luta dos dois homens mais adiante. Neville Trusten o percebera ali.

O outro homem não deixou escapar esse momento de distração de Trusten e investiu contra ele. Trusten retesou-se ao receber o golpe, mas o homem era forte como touro nenhum um dia foi. Michael agora percebia que o homem mais rápido era pouco menor que Trusten, e bem mais magro. Ele lutava com facas e foi uma faca que cravou no peito de Trusten. Em retribuição, Neville Trusten socou o inimigo que estava tão próximo com a mesma facilidade que acertaria uma árvore qualquer. O homem foi arremessado longe e, por um segundo, Michael sentiu um terror tremendo subir-lhe pela espinha. Trusten iria matá-lo dessa vez, não se limitaria em apertar o punho de Michael. O garoto podia sentir isso.

Seus joelhos travados não saíram do lugar. Ouviu Brian gritar palavras atropeladas que não fizeram nenhum sentido e viu Trusten vir em sua direção como uma bala. Michael morreria ali. Talvez Brian também, mas conseguiu mover os braços a tempo de entrar numa posição de luta.

– Bri... – tentou falar; queria dizer para Brian ir embora depressa, mas não saiu voz de sua garganta.

O tempo parecia correr mais devagar. Ele parecia poder ver claramente aquele homem se aproximar, mas o próprio Michael movia-se muito lentamente.

Tudo acabou tão depressa quanto começou. Num piscar de olhos, Trusten estava caído a poucos passos de si. Michael conseguiu ver que o outro homem apareceu e o acertou com uma outra faca. Dessa vez atravessou a garganta. Não viu de onde o homem havia surgido, mas o restante lhe adentrou o entendimento e tudo se esclareceu.

Diante de si estava, em pé, seu tio Ben. Caído, a seus pés, estava o cadáver de Neville Trusten. A vida retornou a Michael no momento em que entendeu isso. O tempo agora parecia correr normalmente. E foi dessa forma, sem compreender bem o que se seguiu, que Michael observou seu tio Ben vir em sua direção rapidamente. Antes que ele tocasse os dois garotos, Michael teve a impressão de ouvi-lo dizer que não deviam estar ali. Um segundo depois, não estavam mais.

Michael e Brian estavam agora de volta ao local de onde vieram. Michael reconheceu o homem que derrubara e Brian ajudara a deixar inconsciente. Contudo, ele não estava mais inconsciente.

– Voltaram – disse ele. Isso foi coisa do Ben Elias. Ainda bem que ele encontrou vocês antes de alguma coisa pior acontecer.

O homem e Michael se olharam. Michael estava sem presença de espírito sequer para falar qualquer coisa. Limitou-se a observar o homem que estava diante de si. Caiu ao chão. Estava derrotado. Não teve forças para olhar e ver que Brian estava ao seu lado, quase tão estupefato quanto ele.

– Me lembrem de agradecer ao Ben E. por isso, garotos. Agora não tentem mais nada, ou eu vou esquecer que são filhos do Satoshi. Ben salvou nossas vidas, então não tentem jogar a de vocês fora outra vez – concluiu o homem.

Tio Ben. Será que o senhor pode salvar a da Carol também?

Mas Michael não sabia a resposta para essa pergunta.

II

Não era possível saber se o plano estava correndo bem. Não haviam percebido que Satoshi estava escondido na no salão da piscina, isso já era muito bom. Alguns meses atrás, Satoshi percebeu o motivo da extravagância de Sir Ektor ao construir aquele prédio. O salão da piscina estava repleto de locais propícios para se estabelecer durante uma guerra, talvez ele esperasse por uma. O piso era feito de metros de concreto puro. A espessura era esperada para suportar tanta água, mas o material utilizado não

era necessário. As paredes também eram mais espessas que o necessário, e mais resistentes também. Satoshi levou 3 meses para, aos poucos, abrir um pequeno local no espesso piso próximo ao banheiro masculino do salão. Poderia passar 2 dias ali e simular seu desaparecimento, conforme foi planejado. Torcia para que os garotos estivessem a salvo.

Não era fácil ouvir qualquer coisa que viesse de fora das paredes do salão, então Satoshi não sabia se o ataque começara ou não. Contudo, esperava pacientemente. Se ele estivesse certo, Sir Ektor ou algum outro alto membro da Grey Star buscaria refúgio naquele local. Se não estivesse certo, precisaria sair e procurar por Sir Ektor em pouco tempo.

Tentava manter-se calmo e não pensar nos filhos. Lembrava a si mesmo que seu mestre iria tratar de protegê-los antes de tudo começar, e isso era totalmente digno de confiança. Então por que não conseguia deixar de lado esse sentimento de que alguma coisa estava errada?

Poucas horas se passaram desde que os primeiros raios de sol surgiram no céu e atravessaram as janelas. Satoshi precisou conferir como tudo estava se desenvolvendo. Não foi difícil ver, ao olhar por uma das janelas, que a intervenção da Interpol e da ONU havia sido iniciada. Havia um campo de batalha ao lado do castelo e provavelmente dentro dele a situação era a mesma. Isso significava um problema.

Preciso encontrar Ektor Levine. Se ele ainda não veio, então não virá até mim.

Encaminhou-se com cuidado até a porta, mas foi surpreendido ao sentir que alguém estava chegando. Usando zanshi não era possível saber quem era, mas a pessoa estava procurando por outra.

A porta entreabriu-se. Satoshi preparou-se para o pior.

– Joseph, é você?

A voz de Sir Ektor Levine invadiu o salão. Logo a aparência daquele nobre homem estava ali, adentrando o recinto, embora não estivesse tão bem vestido como de costume. Satoshi percebeu que o nobre estava mais surpreso em vê-lo ali que o contrário.

– Você... então você estava aqui o tempo todo? – perguntou Sir Ektor, como quem já sabe a resposta.

– Eu esperava que viesse aqui, mas já tinha perdido as esperanças – respondeu Satoshi com a voz tranquila.

– Esse ataque... essa guerra! É culpa sua, não é? Você os trouxe aqui, não foi? – Sir Ektor não parecia estar tão furioso quanto as palavras poderiam fazer alguém pensar.

– Planejei isso, é verdade. A ONU e a Interpol vão fechar a Grey Star hoje. Lamento por isso.

– Você gostaria disso, não é? É um tolo, Makoto. Duplamente tolo. A Grey Star é grande. Você viu apenas aquilo que concentramos nessa fundação, ou seja, a parte visível do iceberg. E é mais tolo por não entender, mesmo depois de todo esse tempo, que nós não somos os bandidos nesse mundo que abandonou a honestidade e a equidade. Agimos fora da lei, porque a lei está tão corrompida quanto a moral dos mais poderosos. Você não é burro o suficiente para não entender algo tão simples depois de tanto tempo, Makoto. Se entendeu isso e ainda pensa em ser contra nós, significa que é mais tolo que qualquer homem na face da Terra.

Satoshi Makoto entendeu os motivos que a Grey Star enunciavam, mas não eram suficientes. Agir à margem da lei abre um espaço tremendo para a corrupção. No fim, os justiceiros de hoje sempre são os tiranos de amanhã. Além disso, se Eiji Matsuda está envolvido nesse assunto, é mais que o suficiente para que Satoshi não acredite em qualquer moral dessa organização.

– Pode me chamar de tolo, Sir Ektor, mas quero que se entregue agora. Vou levá-lo sob minha custódia. Seus companheiros estão ocupados, não vão salvá-lo aqui. Nem mesmo seu fiel Joseph terá condições de aparecer aqui para salvá-lo, Vossa Graça. Yamamoto-sensei não vai dar essa oportunidade a ele.

Sir Ektor sorriu. Sua aura agora estava sendo emitida por todo o corpo e em grande quantidade, de maneira inédita para Satoshi. Antes que Makoto percebesse, ele tinha uma grande flauta na mão direita. Parecia ser feita de metal.

Não tem lugar de onde ele possa ter tirado isso. Só pode significar que esse é o objeto que ele materializa. Ele é um músico afinal.

– É triplamente tolo, Satoshi Makoto. Por pensar que eu preciso da proteção deles em uma batalha contra um só inimigo – Sir Ektor riu novamente. Sim, essa a palavra pra designar você, certo? Meu inimigo.

Levou a flauta aos lábios, o que fez Satoshi saltar sobre a piscina para alcançá-lo. Os esforços de Satoshi Makoto não foram suficientes. Antes de chegar até o mandatário da Grey Star, uma leve melodia enchia o ambiente.

A mão esquerda de Satoshi continha a quantidade de aura necessária para utilizar sua técnica, a qual alcançou a flauta de Sir Ektor num grande impulso... e a atravessou como atravessaria o vento. O mesmo aconteceu com o corpo de Sir Ektor depois da flauta.

Uma ilusão?!

Satoshi olhou de imediato para todos os lados, mas não viu o homem que procurava. Viu diversas outras pessoas. Jovens, velhos, homens e mulheres. O salão estava cheio deles. Seu zanshi não o deixaria ser enganado. Só havia uma pessoa ali, mas não poderia saber exatamente onde ele estava. A música tornava difícil localizá-lo por meio do som, e a visão estava entorpecida pela ilusão que fora criada de súbito.

Isso é mau. Não dá pra saber onde ele está. Ele pode atacar de qualquer lado. Não posso vê-lo, mas posso ouvi-lo. Meu zanshi ainda sente a vontade dele. Essa é uma ilusão de baixo nível, só pode afetar minha visão. No momento em que ele atacar, vou saber onde procurá-lo.

Satoshi Makoto pôs-se em posição defensiva, prevenindo qualquer ataque que pudesse vir de qualquer lado. A música se intensificou, parecia uma outra melodia. O salão estava repleto de pessoas aos olhos de Satoshi. Dentro da água e aos arredores da piscina, gente por todo lado. Makoto se manteve na posição defensiva, contudo, não veio ataque algum.

Ele pretende fugir? Não vai conseguir passar por mim para sair por essa porta. Se quebrar uma dessas janelas, o som será muito alto para disfarçar. O que você vai fazer, Levine?

A música continuava a se intensificar. A melodia ficava mais agressiva. Embora o volume do som que a flauta produzisse não fosse grande coisa, os ouvidos de Satoshi começavam a doer.

Ele não vai me atacar fisicamente. É o som. A melodia não causa apenas ilusão, não é, Levine? Ela vai me deixar exausto em algum tempo, não é? Se esperar não adianta de nada, só me resta encontrar você. Acho que suas habilidades físicas são inferiores às minhas.

Satoshi tinha a mão direita envolta em aura para usar sua técnica especial. Rápido como uma bala, atravessou o salão por sobre a piscina e através dos fantasmas que preenchiam o ar ao seu redor. Em algum momento antes de chegar ao outro lado da piscina, lançou a mão direita e a aura que ela continha contra a água que estava abaixo de si.

Choveu em todo o salão, mas a água só podia passar por entre as pessoas que ela tocava. Não havia mais sinal de Sir Ektor agora do que havia há alguns segundos.

Inútil? Então o jeito difícil!

Satoshi Makoto lançou-se a correr insanamente por todo o salão, cruzando a piscina em todas as direções possíveis e cortando o ar com suas mãos. Sir Ektor continuava a estar ali. Seu zanshi lhe permitia sentir o espírito e a intenção daquele homem: ele mataria Satoshi Makoto, não fugiria.

Quanto mais Satoshi corria e cruzava o grande salão, a música ficava mais intensa. Satoshi começava a cambalear. Entre um salto que deu para atravessar de um lado a outro da piscina cruzando o ar, sentiu-se quase tonto, tanto que ao aterrissar seus pés quase o deixaram cair.

Se isso continuar por mais tempo, eu vou desmaiar. Não tem jeito. É matar ou morrer!

Satoshi concentrou quase toda aura emitida em ambas as mãos, que agora estavam unidas como se segurasse um bastão para rebater uma bola de baseball. Ao rebater a bola imaginária, um lampejo de aura cortante cruzou o salão de lado a lado, cortando os fantasmas que se punham em seu caminho sem que estes parecessem ficar incomodados. A música cessou antes mesmo que o ataque de Satoshi atravessasse todo o lugar.

A música parou, os fantasmas desapareceram... e lá estava Sir Ektor, a 10 metros de Satoshi, próximo à borda da piscina. Segurava dois pedaços de sua flauta nas mãos e os lançou fora quando Satoshi já se lançava contra ele sem hesitar.

Os pedaços da flauta quebrada evaporaram e desapareceram como se nunca tivessem existido. Um instante depois, havia outra flauta nas mãos de Sir Ektor. Dessa vez ele não foi tão rápido. Antes que o nobre pudesse levar o instrumento à boca, Satoshi Makoto estava perto o suficiente para desferir um golpe que arrancaria o braço esquerdo de Sir Ektor, se este não usasse a flauta metálica para bloquear o golpe.

Sir Ektor possuía mais aura do que Satoshi imaginara. Deveria ter colocado tudo de si na flauta para que pudesse parar sua técnica perfuradora. Também deve ter feito isso para evitar ser cortado pelo lampejo de aura que atravessou o salão alguns instantes atrás.

A mão esquerda de Satoshi moveu-se para surpreender o nobre que agora saltava para trás a fim de evitar a surtida. O homem alvo não tentou usar a flauta como instrumento mais uma vez, agora tentava usá-la como bastão para golpear o adversário. Satoshi já estava impressionado com a velocidade e habilidade que Sir Ektor demonstrara, mas aquilo era mais do que o esperado. Satoshi era pouco mais veloz, tão pouco que quase não fazia diferença.

Por alguns instantes, ambos trocaram estocadas, aparentemente, continuariam assim até que um dos dois cansasse. Tudo mudou quando, finalmente, os pés de Satoshi demonstraram que os efeitos estonteantes da música de Sir Ektor não foram vão.

Makoto perdeu o equilíbrio por um instante, e Sir Ektor não perdeu essa ínfima passagem de tempo. Aproveitou o momento para aplicar mais uma estocada com sua flauta. Dessa vez acertou o queixo de Satoshi Makoto e o fez cair a dois metros de distância. Vulnerável, Satoshi tentou recompor-se antes de tocar o chão, mas Sir Ektor não lhe deu tanto tempo e recomeçou a tocar.

Os fantasmas apareceram novamente e a cabeça de Satoshi começou a doer mais que em qualquer momento que ele lembrasse alguma vez na vida. A dor não lhe permitiu sequer levantar novamente. Sua visão embaçou e ele sentiu o piso saltar para esbofetear-lhe o queixo já abatido.

Assim que caiu, senti o que só poderia ser o pé de Sir Ektor chutar-lhe a cabeça. Estava impotente.

É assim que acaba?

Não ouvia mais a música e, ao abrir os olhos, viu com dificuldade que Sir Ektor se encontrava a alguns metros de distância. Não tocava mais, apenas o observava.

– Satoshi Makoto. O tão temido Makoto. O melhor dos agentes de paz. Se deixou levar pelo ego e pensou que não perderia para ninguém, a não ser para Joseph. Antes de morrer, eu quero que fique claro: eu não queria que fosse assim. Preferia tê-lo como um companheiro, não como um inimigo.

Satoshi ainda tinha força suficiente para falar.

– Vá se danar, Levine.

Sir Ektor não manifestou qualquer sentimento quanto ao que Satoshi falara. Pegou a flauta com firmeza e deu um passo. E foi então que o semblante de Sir Ektor esboçou toda a dor que um ser humano poderia demonstrar, embora não tivesse emitido mais que um grunhido.

Satoshi pôde ver, embora com dificuldade, a haste vermelha em brasa que saía pelo peito de Sir Ektor. Uma pequena chama fugaz morria em sua ponta e ela começava a derreter. Não parecia provável, mas Satoshi tinha certeza de que era feita de lava vulcânica. Já vira aquilo antes, há muito tempo.

Sir Ektor caiu. Por trás dele, permaneceu de pé aquele homem que aterrorizava os pensamentos de Satoshi Makoto.

Por que ele está aqui?

– Você me decepcionou, Satoshi. Não pensei que você perderia essa luta. Ainda bem que fiquei aqui para garantir – disse Marinville a Satoshi Makoto, então olhou para o agonizante Sir Ektor cujo coração fora perfurado. Sinto muito, Vossa Graça. Sinto mesmo. Eu preferia que não fosse assim, mas seu orgulho jamais permitiria que alguém que não é um Levine liderasse a Grey Star. Não se preocupe, eu tomarei cuidado para que tudo continue tão bem quanto deve ser.

Satoshi conseguiu erguer o corpo um pouco para ficar sentado com dificuldade. A primeira coisa que viu foi o rosto morto de Sir Ektor. Não era mais dor que via estampada ali, era a angústia da decepção que alguém tinha ao confirmar a traição que mais desejava não ser real. Não era a primeira vez que Satoshi via isso em um rosto.

– Devo dizer, Satoshi – continuou Marinville –, eu me esperava mais de suas habilidades. Mas está tudo bem. Você serviu exatamente como eu desejava.

– Você... você me trouxe aqui para matar ele? – Satoshi falava com dificuldade e encarava Marinville.

– Na verdade, eu não menti quando nos falamos antes, Satoshi. Não esperava que os dois garotos fossem seus filhos, mas essa foi uma surpresa agradável. Quando percebi que você viria para a fundação, minha mente chegou a algumas conclusões muito interessantes. Eu planejava a morte de Sir Ektor de uma forma diferente, mas a sua presença me proporcionou algo muito melhor. Ah, claro, para todos os efeitos, você matou Sir Ektor, ele é mérito seu, não meu. Entendeu?

– Como é que você está aqui? Yamamoto-sensei não...

– Ele deve estar em Londres agora. Dolton e alguns membros da fundação foram para lá. Todos, até Sir Ektor, imaginavam que tinha ido com eles. Os únicos que sabiam da verdade eram os 3 que mandei para lá e, obviamente, eu mesmo. Não podia arriscar encontrar o sensei aqui. Eu precisava me certificar de que você mataria Sir Ektor. Além disso, talvez a presença do Yamamoto-sensei prejudicasse a minha saída daqui.

– Então era isso que você queria desde o começo. Ser o líder da Grey Star. Por isso trouxe meus filhos e eu para cá. Tudo pelo poder, não é, Eiji?

Marinville observou Satoshi por um instante com ar de incredulidade.

– Será mesmo possível que você não consegue ver, Satoshi? Ainda não entendeu? Esse não é meu objetivo. Isso é apenas um meio para um fim. Preciso dos recursos da Grey Star. Só isso. Preciso de seus garotos para algo muito maior. E é por isso que quero que você cuide bem deles. Se quiser revelar que Joseph Marinville e Eiji Matsuda são a mesma pessoa, pode falar para o mundo inteiro. Isso não tem mais importância. Mas jamais deixe que saibam que eu matei Sir Ektor. Para todos os efeitos, ele é mérito seu. De fato...

De imediato, Marinville saltou e caiu com o pé direito sobre o lugar onde ficava o coração de Sir Ektor destroçando-o.

– Se fosse um buraco cauterizado, poderiam suspeitar que não foi obra sua. Você não mexe com fogo, não é?

Satoshi engoliu as palavras que vieram à sua boca naquele instante. Trocou-as por outras e disse: – Você matou o homem que te acolheu. Que fez você nascer de novo. E nem se importa com nada disso.

Marinville refletiu por um momento.

– Não sei bem como dizer isso. Veja, Satoshi. Eu não importo com o que as pessoas pensam de mim. Não me importo com seus padrões de moral ou de conduta. Sua sociedade pode desaparecer que eu não vou nem mesmo piscar. Eu tenho um objetivo a alcançar, Satoshi, e vou alcançá-lo. Nada, além disso, é importante pra mim. Não pense que eu não mataria você agora mesmo, ou seus filhos, ou quem quer que seja. Você e todas as pessoas são iguais a qualquer outro animal para mim. Se eu perceber que estão dificultando meu caminho, eu farei com que desapareçam. Entendeu bem? Não sinto afeição nem desafeto por quem quer que seja. Sou indiferente a qualquer um de vocês, seres humanos. Só me importar o meu objetivo.

– Nós seres humanos? Você deixou de ser humano, Eiji?

Marinville riu.

– Ainda não, Satoshi. Agora eu vou andando.

Marinville deu as costas para Satoshi, mas voltou a olhá-lo antes de continuar.

– Talvez esteja pensando algumas coisas estúpidas. Não seja ingênuo, Satoshi. Eu não posso usar zanshi, como você, mas eu posso ver o que quer que você faça. Não esqueça disso. Já se perguntou por que Sir Ektor viria para cá? Não foi para se proteger. O subsolo do castelo é um local muito mais fortalecido. Fui eu quem o mandou para você. Eu sabia que você estava se escondendo aqui, então eu mesmo me escondi próximo. Deixei tudo pronto para que Sir Ektor viesse aqui quando as coisas começassem a ficar difíceis lá embaixo. Ele veio acreditando que salvaria a fundação aqui, mas eu o mandei para a morte.

Marinville ficou de frente e encarou Satoshi Makoto antes de continuar a falar. Seu olhar penetrante causava aflição. Entretanto, antes que Satoshi pudesse falar algo, aquele homem tornou a falar.

– Ninguém percebeu que você preparava um pequeno esconderijo aqui. Esse é o nível que você conseguiu alcançar. Você é excelente. Mas eu sou muito melhor. Não tente se esconder de mim, Satoshi, porque você não vai conseguir. Então não faça nada ingênuo – virou-se e andou calmamente em direção à porta. Agora, vou deixá-lo só para esperar pelos seus amigos da ONU. Nos veremos algum dia, Satoshi. Cuide bem dos seus garotos.

A cabeça de Satoshi ainda doía muito. Sua mente estava mais do que cansada, estava cheia demais para pensar em algo mais. Nem ao menos se lembrou de que estava ao lado de um cadáver quando desmaiou.

III

Ben Elias estava observando o castelo e o campo a sua volta quando François chegou para atualizá-lo.

– Ao parece, senhor, Satoshi está muito bem – disse. Não foi gravemente ferido, embora tenha sofrido alguns machucados no crânio. Ele ficará bem.

– Isso é bom. Me diga, François. Quantos foram mortos dentre os nossos?

– Senhor, contando com os homens da ONU, foram 3 mortes.

– Quantos feridos?

– Vários. Mas poucos foram gravemente feridos. E mesmo estes apresentam muita probabilidade de melhora nos próximos dias, senhor.

– Quantas baixas dentre os que estavam na Fundação Levine?

– Bem, contando com o próprio Sir Ektor, foram reconhecidos 6 óbitos dentre os instrutores da fundação, e 21 jovens.

Ben parou um segundo para pensar um pouco.

– São muitas mortes – respirou fundo. Quantos foram capturados?

– Dos instrutores, apenas 3, senhor. E 37 jovens.

– Somente 3?

Significa que a maior parte dos membros da Grey Star fugiram, ou nem mesmo estavam aqui quando chegamos.

Ben Elias olhava com cuidado cada uma das partes destruídas da propriedade. Os corpos já haviam sido retirados e transportados. O corpo de Neville Trusten fora levado também. O peito de Ben ainda doía por conta das costelas quebradas que ganhou de Trusten. O dia fora um dia sangrento, não havia dúvida. Uma bola de fogo gigantesca envolveu 3 jovens diante de seus olhos quando um dos agentes de paz da ONU forçava entrada no castelo. Tudo correu rápido e conforme o planejado, mas foi relativamente fácil.

Aqueles que se puseram no caminho foram menos que a quantidade esperada. Não tiveram chance. Trusten foi o único que, aparentemente, deu trabalho de verdade. Claro, deixando de lado Sir Ektor, que só deu trabalho ao Satoshi. Os mortos dentre os invasores foram mais por acidente que por um ataque de fato. Mas o pior momento foi quando Michael e Brian surgiram do nada, prontos para serem abatidos por um Neville Trusten absolutamente irado.

Provavelmente já estão em um helicóptero a caminho de Londres. Estejam bem, por favor.

– François – começou Ben –, você não acha estranho que tão poucas pessoas estivessem aqui?

– Bem, senhor, é algo estranho, sem dúvida, mas ainda assim o cabeça da Grey Star está morto, isso deve ser um golpe e tanto por si só.

– Será?

– O senhor não acha?

Não, eu não acho.

– Eu tenho algumas dúvidas. Ao que me parece, a Fundação Levine chegou ao fim, mas a Grey Star não sofreu um golpe tão pesado quanto eu esperava. Isso me preocupa.

– Preocupa? Mas, senhor, de qualquer maneira, hoje houve uma vitória aqui.

– Não sei, François. Hoje houve muito sangue derramado. Mas não sei se houve uma vitória de verdade. Isso me preocupa sim. Me preocupa por não ter certeza de que valeu a pena aceitar esse massacre que aconteceu aqui.

Fez-se silêncio por alguns segundos.

- Senhor, o Secretário Muller deseja que voltemos de imediato para Londres. Assim que Satoshi Makoto acordar, haverá algo, segundo o que se diz.
- Que será que Muller quer agora? Está bem. Vamos então.